

# Mário de Carvalho



**Burgueses  
somos nós todos  
ou ainda menos**

# Burgueses somos nós todos ou ainda menos

Mário de Carvalho



# Índice

A trama póstuma	13
Às duas por três	23
O fim da lista	33
Por onde tens andado?	39
Trases bancários	51
Na enfermaria	59
A pá e a vassoura	69
Engate a meia haste	77
Um moço de futuro	85
O telefonema	97
A factura	103

# A trama póstuma

— E se me deixasses entrar?

Ela estava a tratar-me por tu. Excesso de confiança. Lá por me ter deitado com alguém não me vejo obrigado a certas intimidades.

— Nem sei que diga — suspirou Noémia, já sentada no canapé às listas, suposto de família.

— Ainda me sinto pouco à vontade no papel de viúvo. Nunca tinha experimentado — respondi eu.

— É o cinismo do costume, Rogério? — Lábio e cenho emperdigados, olhar de lado, pronta a despiques. Daqueles que acabam em rendição.

— Não estou preparado para a viuvez. Não me é habitual. É tudo.

Ela hesitou entre o desconfiado e o maternal. Ganhou o maternal, que ia tomando, pouco a pouco, um travo sedutor. Falou, falou, falou... De vez em quando, sem interromper a desenvoltura, erguia os olhos e passava a língua pelo lábio superior. Incomodava-me ouvir a falecida refigurada por aquela memória e por aquela imaginação. Percebia-se que não eram íntimas e

que o abstracto exercício de bendizer se poderia aplicar ao lado apresentável de quem quer que fosse.

Interrompi-a de súbito:

— Você não está arrependida?

— De quê?

— Daquilo.

Olhar esquivo, cabriolando pelos cantos da casa.

— Foi há tanto tempo.

— Nem por isso.

Eu só tinha querido moer um bocado. Não gosto que tenham pena de mim. A casa estava um cafuno. Livros no chão, bandeja com restos de comida, alcatifa meio dobrada, os pequenos bibelôs holandeses, ou lá o que era aquilo, empilhados a monte para dar espaço a um cabo de bateria, uma toalha na estante, o invólucro dos Carmina Burana a assomar entre jornais desirmanados. Nunca Leonor consentiria naquele desarrumo. Noémia tinha reparado, claro. E não se levantava. Levantei-me eu. Acho que a desapontei.

Remexeu na mala, como lembrada de repente, e sacou de lá um molho de cadernos de capa dura, forrados a pano preto, atados por uma fitinha de seda castanha já muito macerada e torcida.

— São diários da Leonor. Ela confiou-mos dias antes do... passamento. Pediu-me que os guardasse. Bem vê, eu não podia adivinhar... Ah, se eu soubesse... Enfim, pensei que eras tu quem devia ficar com eles.

— E você leu-os?

— Claro que não.

Um não enfático. Claro que sim, que tinha lido. Quanto mais ofendida se mostrava, menos eu acreditava nela. Ignorei-lhe o

ressentimento fingido e acerquei-me ostensivamente da porta. Terminava a visita. Ala.

Passei ao de leve as pontas dos dedos sobre o telão aveludado duma das capas, abri, mas logo pousei o caderno, após reconhecer a letra metódica e regular de Leonor. Mágoa e recato. Senti os dentes apertarem-se-me, o maxilar a contrair-se e degluti em falso. Sentimentalices. Já tinha visto aqueles cadernos cá por casa, por aí, à desbanda. Não era homem para os abrir, sequer, em vida de Leonor. Mas porque se encontrariam agora em poder de Noémia? Confiou-lhos? A que título?

«Pois, há coisas que a gente não sabe. Umhas pessoas reagem duma maneira, outras doutra», dissera-me o médico, macambúzio, durante o enterro, quando lhe mencionei a insuspeitada doença de Leonor. «Mas ela bem podia ter escolhido uma morte pior», acrescentou. «Isso não é nenhuma consolação», resmoneei eu. O tipo pareceu-me encolher os ombros e estugou o passo para junto do padre, exigência da família dela, muito dada às conveniências. Houve encomendação e hissopadas. Desenfiei-me a meio do protocolo. Passei uns tempos a vaguear por Lisboa. Sou de «meter para dentro».

Só voltei a pegar nos diários dois ou três dias depois da visita de Noémia. Ela telefonara entretanto, com um pretexto absurdo e uma conversa vaga. Passes sedutórios, considere. Aquela não desistia. Quem cuida que atalha rodeia, como dizia um tio meu. Nessa noite, ao deitar, levei os cadernos para o quarto. Espalhei-os na cama. Ideia nada boa.

O que me levou a ler o diário foi um resíduo de crença na humanidade. Não me acudiu aquele mínimo de sabedoria que

já me devia caber, não sendo eu um moço pequeno. Os segredos dos outros devem ir com eles para a campa.

A melancolia do meu folhear, num caderno ao acaso, remanso doce e amargurado, surpreendendo réstias do quotidiano, matéria trivial, num abandono benevolente de partilha, foi enxotada por um sobressalto, ao cabo de poucas páginas.

«Não esperava que o “B” me telefonasse. Foi giro. E o outro não me desamparava a loja, sempre pegado a mim. Tenho-me tornado especialista em subentendidos. Mas o “B” até é bom entendedor», escrevia ela, num cursivo claro e redondo. Nessa mesma tarde, um encontro com esse tal «B». Mas não acontecera nada, acrescentava. Seguiam-se futilidades sobre um escritor de afectos que ela persistia em ler e argueirices várias e enfadonhas. Tinha passado a fase da sentimentalidade, seguir-se-ia a fase da espiritualidade cósmica. Fui folheando, primeiro com um vagar de espanto incrédulo, e depois com a sofreguidão do arqueólogo que vai desvendando uma lápide desconhecida. Fui atrás, fui adiante, num virote. Percebi que em dada altura eu passava a ser identificado por «o Outro», ou «Ele». Assim, sublinhado: «“Ele” chegou mais cedo», «“Ele” estava lá dentro», «“Ele” tinha ido jantar fora», «“Ele” foi a Bruxelas». No caderno seguinte, não faltavam as evidências, nem excesso de pormenores, de que com o tal «B» acontecera tudo, depois de não ter havido nada. Saltei para o último caderno, de dois meses atrás. O final: «Fui hoje à médica. Não quero falar mais nisso.» Um risco diagonal encerrava ali a prosa, assinalando o vazio das derradeiras páginas.

Ocorreu-me que antes dum «B» é costume haver um «A». Depois, porventura, um «C». Quanto ao «C», podia tranquilizar-me.

Todos os inocentes dos diários estavam identificados e não aparecia nenhum «C». Mas notei com assombro, para não dizer despeito, que a minha transmutação de Rogério em «Ele», ou em «o Outro», se tinha dado na ocasião em que, lá para trás, surgira um «A», num incidente de trânsito em certo Novembro. Afinal, ao que parece, já se conheciam e acharam muita graça à coincidência. A mim é que ela não contou nada. Com o «A» a relação havia sido, pelo lado de Leonor, tumultuosa e embeijada. Devia ser um tipo frio e dado à família dele. Tinha frases enigmáticas, desatenções, e chegou a faltar a encontros, sem justificação. Punha-a a pensar muito e a discorrer filosoficamente sobre a imprevisibilidade masculina.

Foi então que apareceu «B», que ela conheceu na aula de ginástica que eu pagava mas não frequentava, até porque dois terços dos meus colegas de trabalho iam para lá dar ao músculo. «B» era alegre, descontraído, ouvia-a com atenção, dava-lhe pequenos presentes (o ínfimo caniche de louça, da estante, passei eu a saber) e tinha opiniões sobre coisas metafísicas. Ela contou-lhe tudo a respeito de «A» e ele até achou a situação divertida. Mas Leonor não se atreveu a contar a «A» algo sobre «B». Mal adiantou uma vaga insinuação, o tipo prontificou-se a deixá-la, e era a última coisa que ela, pelos vistos, queria ouvir. O denominado «B» não se ralava com nada, o que lhe convinha, e «A» importava-se pouco com ela, o que também lhe valia, se bem que de maneira oposta. Precisava de folguedo, mas também de drama. Não era uma alma simples, como eu.

O *workshop* empresarial em Madrid foi passado com «B». As tardes do British... eram aproveitadas para encontros com «A», numa pensão que ela não nomeava. «O nosso sítio» não